

## A Sociologia da Infância: esboço de um mapa

Andrea Braga Moruzzi

Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil

*deamoruzzi@yahoo.com.br*



Educação: teoria e prática, Rio Claro, SP, Brasil - eISSN: 1981-8106

Está licenciada sob [Licença Creative Commons](#)

### Resumo

Desde a década de 1980 e, mais evidentemente, a partir da década de 1990 a Sociologia da Infância tem se expandido e se consolidado enquanto campo teórico significativo para se pensar a educação e o universo cultural das crianças pequenas. Pesquisas de origens portuguesas, francesas e inglesas, entre outras, mostram, sob diferentes temáticas e arranjos teóricos, as contribuições e a relevância desse campo. Este artigo procura reunir diferentes obras da Sociologia da Infância, no intuito de esboçar um mapa de seus principais temas e pressupostos. Neste artigo será abordado o tema do protagonismo infantil de acordo com a ideia de que as crianças são atores sociais e que as noções a respeito do que vem a ser a criança ou a infância são construídas socialmente. Os processos de socialização também são debatidos e questionados, pois por meio deles se (re)configuram ritos e rituais, produzindo o que vem sendo chamado de cultura ou culturas infantis. Esses temas lançam, por fim, um desafio para a Sociologia da Infância: como desenvolver metodologias adequadas de pesquisas com crianças, no intuito de aprimorar o que conhecemos e o que fazemos com e por elas?

**Palavras-chave:** Sociologia da Infância. Crianças. Socialização. Culturas Infantil. Metodologia.

## The Sociology of Childhood: outline of a map

## Abstract

Since the 1980s and, more evidently, from the 1990s on, the Sociology of Childhood has increased and consolidated itself as an important theoretical frame for thinking through little children's education and cultural universe. Researches from Portugal, France, and England, among other countries, show the contributions and the relevance of this area, considering different themes and theoretical arrangements. This paper tries to put together different works on the Sociology of Childhood aiming to sketch a map of their main themes and assumptions. In this paper the theme of children's protagonism is approached according to the idea that children are *social actors* and that the concepts on what is a child or childhood are socially constructed. The socialization processes are also discussed and questioned, since they allow the (re)configuration of rites and rituals, producing the so called children's culture(s). These themes put, in the end, a challenge for the Sociology of Childhood: how can we develop adequate methodologies for researches involving children, in order to improve what we know and what we do with and for them?

**Key words:** Sociology of Childhood. Children. Socialization. Children's culture. Methodology.

## Contextualização da Sociologia da Infância

No campo sociológico entende-se que, inicialmente, a criança era analisada segundo influência durkheiminiana, como fruto das suas primeiras instituições acolhedoras, no caso, as instituições escolares para educação infantil e a família. A partir de então foi se desenvolvendo um campo de estudos acerca de um "ofício da criança", voltados para a compreensão dos papéis atribuídos a elas nessas instituições; as crianças eram compreendidas como receptáculos e desempenhavam papéis específicos analisados por esse campo teórico. A proliferação de estudos nessa linha evoluiu para a criação do chamado "ofício de aluno". Entende-se, neste sentido, que houve uma espécie de investimento em uma "sociologia da escolarização" (SIROTA, 2001, p. 16).

Os primeiros elementos de uma Sociologia da Infância vão apontar que estas instituições são justamente pontos de partida para o apagamento da infância ou de sua marginalização. Com base nessa reflexão começa a emergir, a partir da década de

1990, uma série de estudos em torno da noção de “experiência” (SIROTA, 2001, p. 17). Abordagens da fenomenologia, da sociologia interacionista e do construtivismo irão contribuir e influenciar na análise de uma “experiência infantil”. Ao invés de se encarregar da investigação dos papéis atribuídos às crianças, as pesquisas irão investir nos processos de sua socialização no interior das instituições formadoras. Trata-se, segundo Sirota (2001, p. 18), da emergência de uma “sociologia da socialização”.

Após quase vinte anos de emergência, expansão e consolidação, é possível notar e apontar alguns pressupostos e temas recorrentes dentro do campo da Sociologia da Infância. Sirota (2001, p. 18) entende que existe “[...] um certo número de pontos comuns” que emergem em diferentes autores e que se inserem como eixos investigativos e centrais nas análises e abordagens do campo da Sociologia da Infância. Em relação aos pressupostos, a autora destaca ao menos três elementos comuns: A defesa de que as noções em torno do que vem a ser a criança e a infância são construídas socialmente e, portanto, variam de acordo com o momento histórico e cultural; a percepção de que as crianças são atores sociais, que atuam na dinâmica social e, dessa forma, são elementos passíveis de análise no campo da sociologia; e o entendimento de que a infância e a criança são variáveis pertencentes à sociologia e que devem ser consideradas em seu sentido pleno, articulando com outras variáveis, como raça, etnia, classe social, gênero e sexualidade.

Em relação aos temas recorrentes é possível destacar: a temática da socialização da criança pequena, na qual se inserem pesquisas em torno das relações geracionais e alteridades para com as crianças (SARMENTO, 2005), das práticas parentais e experiências das crianças nesses contextos (MONTANDON, 2005), da socialização da criança e seu modo de intervir socialmente (BELLONI, 2007, entre outras); a temática da cultura infantil ou das culturas infantis, ritos ou rituais, que são também uma extensão do tema da socialização (DANIC, 2008; DELALANDE, 2003; PINTO; SARMENTO, 1997; SIROTA, 2005; CORSARO; EDER, 1990, CORSARO, 2005a, entre outros); a pesquisa com crianças e a valorização da experiência infantil (RAYOU, 2005, entre outros); e por fim, a reafirmação do campo teórico e a busca por sua consolidação (SIROTA, 2006, entre outros). Nos itens subsequentes deste trabalho farei algumas considerações a respeito dos três primeiros eixos acima citados: a

socialização das crianças, a produção das culturas infantis, seus rituais e ritos, e a respeito da pesquisa com crianças.

### **Aspectos em torno da socialização das crianças pequenas – as crianças como produtoras de cultura(s)**

Ao longo do processo de socialização do qual elas são atores principais e sujeitos ativos, as crianças são também objeto da ação de várias instituições especializadas, entre as quais as mais importantes são a família, a escola, as igrejas e as mídias (BELLONI, 2007, p. 60).

A noção de socialização é permeada por uma série de discussões não homogêneas. Sendo este um aspecto importante da Sociologia da Infância, torna-se relevante destacar quais pressupostos embasam a noção aqui adotada. O artigo de Eric Plaisance (2004) traz considerações significativas a esse respeito.

Primeiramente é preciso entender que socialização não é o mesmo que sociabilidade. Essa concepção tende a entender que socializar é uma ação individual na qual o sujeito se abre para novas experiências, vivências e relacionamentos com outros indivíduos. Ao contrário, a socialização na qual a Sociologia da Infância e a Sociologia da Pequena Infância (mais precisamente abordada por PLAISANCE, 2004) se pautam, designa os processos gerais que abrangem toda a vida humana, que constituem e produzem os seres humanos enquanto seres sociais (PLAISANCE, 2004). Trata-se, grosso modo, da atuação do meio, da cultura, do contexto histórico no indivíduo, interpelados pelas maneiras singulares de vivenciar tais ações.

O modelo vertical de socialização proposto pela sociologia clássica de Durkheim é criticado à medida que compreende o sujeito como um receptor passivo do meio; a socialização, neste sentido, é uma interiorização de normas e de valores que ocorrem por meio de uma coerção social. Ao contrário dessa perspectiva, a Sociologia da Infância e da Pequena Infância compreendem a socialização como uma ação interativa do meio e do indivíduo. Nas palavras de Dubet (2002 apud PLAISANCE, 2004, p. 7), trata-se de “[...] um trabalho do ator socializado que experimenta o mundo social”.

Segundo Belloni (2007) essa concepção é primeiramente afirmada por Corsaro (2005a), entendendo que as crianças se apropriam criativamente das informações que

lhes são passadas, criando uma cultura original entre seus “pares”<sup>1</sup> e, portanto, ocorre uma espécie de “reprodução interpretativa” (BELLONI, 2007, p. 60). Essa reinterpretação do mundo é central para o desenvolvimento da criança e é também responsável por uma cultura específica, a cultura da infância, objeto de estudos também da Sociologia da Infância.

Plaisance (2004) compreende que em termos da socialização das crianças pequenas o que temos hoje é uma situação bastante contraditória: os adultos procuram garantir os direitos das crianças de tal forma que sua inserção no meio social possa estar assegurada de direitos e amparos legislativos; por outro lado, impõe-se a ela uma maneira de ser criança, de se inserir e de se comportar diante do mundo adulto. Trata-se, segundo o autor, de uma forma de coerção mais sutil de produzir crianças na direção de certa infância e de se manter uma concepção vertical de socialização.

Com o intuito de inverter essa lógica, alguns trabalhos dentro da Sociologia da Infância irão formular a ideia de que a socialização da criança pequena ocorre sim por meio, com e por meio do adulto ou das instituições socializadoras. Contudo, ressalta-se que a criança formula, inventa e cria seus próprios espaços de socialização.

O trabalho de Delalande (2003) evidencia alguns aspectos importantes nessa direção. Após sete anos de pesquisa com crianças, ressaltando principalmente os espaços de recreação, nos quais as crianças relacionam-se mais intensamente entre si (“entre seus pares” como prefere chamar), a autora ressalta que existe um vasto campo das dimensões sociais e culturais de relação entre as crianças. Existe, por exemplo, algumas aprendizagens ocorridas desde o maternal, que significam a integração de uma criança no grupo de outras crianças. Algumas aprendizagens são definidas, delineadas pelos adultos, contudo, há as aprendizagens que são definidas pelas próprias crianças. Ao participar de uma brincadeira, por exemplo, uma criança precisa mostrar suas competências diante do grupo, que acaba aceitando ou não o novo membro. Entre as crianças configuram-se uma espécie de grupos identitários, definidos pela aquisição de alguns saberes que são valorizados pelos seus membros. A identidade de cada grupo, e por consequência, de cada criança, é que permite

---

<sup>1</sup> Entre outras crianças.

diferenciar um grupo de outro, uma criança de outras. Nesse sentido, Delalande (2003) entende que a aprendizagem nesses espaços permite fazer ou não parte daquele grupo e por isso é, em certa medida, uma forma de poder dentro desses espaços. A abordagem dada por pela autora permite compreender que as crianças instauram entre si verdadeiras regras de convivência ou “regras de vida”, formulam e criam uma microssociedade. Em outras palavras, as crianças se socializam e são atores de sua socialização.

Influenciados por vertentes teóricas da antropologia e da etnografia, alguns pesquisadores nessa linha irão promulgar a ideia de uma “cultura da infância” ou de uma “cultura infantil”. No sentido amplo da palavra, a cultura aqui é entendida como relação e produção da vida humana na qual se expressam as normas, os valores, os costumes, como ocorrem nos processos de socialização das crianças pequenas. Alguns autores fazem essa discussão enfatizando o termo cultura, como Corsaro (2005a; 1990), Delalande (2003) e Danic (2008), outros enfatizam tais processos por meio da ideia de rituais ou ritos, como Sirota (2008). Apresentarei a seguir alguns aspectos desse debate.

### **Ritos, rituais e culturas infantis**

É possível entender que a cultura infantil ou as culturas infantis, como preferem chamar alguns autores (PINTO; SARMENTO, 1997; JAVEAU, 2005) é uma extensão do tema da socialização das crianças pequenas ou mesmo parte dele, uma vez que é a partir dos processos de socialização ou da “reprodução interpretativa” do mundo (CORSARO, 2005a) que se cria e se produz as culturas infantis. Contudo, há diferentes maneiras de se investigar essa temática.

O texto de Sirota (2005) irá discutir os rituais de aniversário como meio de socialização das crianças, como espaço de negociação entre adultos e crianças e, ao mesmo tempo, como espaço de produção da cultura infantil. Segundo a autora, nos aniversários infantis é possível perceber uma série de processos socializadores que envolvem, por exemplo, aspectos financeiros, culturais, relações de gênero, geracionais, negociação entre crianças, entre outros.

Para desenvolver essa discussão Sirota (2005) toma como referência a escolha do presente de aniversário, que serve como uma espécie de troféu para o

aniversariante. Uma criança vai a uma festa de aniversário e procura escolher o presente para seu amigo (a) junto de seu pai. O momento da escolha é repleto de questionamentos: qual é o orçamento para o presente? É para um menino ou para uma menina? É para uma criança pequena ou para uma criança mais velha? É um grande amigo da criança ou é apenas um colega de classe escolar?

Em geral, a autora constata que para as crianças o mais importante é trazer para o presente o elemento surpresa, algo que seja bonito ou que irá agradar a outra criança. Para os pais o elemento financeiro, bem como o grau de amizade dos filhos para com o aniversariante, são os requisitos mais importantes na hora da escolha. Outra constatação é que, quanto menor a criança maior é o presente que ela quer dar, como se o aspecto da imagem, do tamanho do presente, fosse mais notado pelas crianças pequenas. Com o passar do tempo essa preocupação vai tomando forma contrária, ou seja, quanto mais velha a criança menor o presente, como se nas crianças mais velhas emergisse um sentimento de vergonha e de polidez diante das festas de aniversário que são, inclusive, consideradas “coisas para crianças”.<sup>2</sup>

A hora da oferta também é carregada de simbolismos. Algumas crianças abrem os presentes imediatamente e tão imediatamente manifestam seus sentimentos em relação ao que ganhou: “Xi, já tenho um desse!” “Que legal, eu queria mesmo ganhar esse presente!” Ou mesmo sem nada dizer as crianças podem manifestar uma insatisfação, colocando o presente ganho de lado e indo logo para o próximo. Os pais do aniversariante, nesse momento, procuram transmitir uma série de “regras de civilidade” e polidez diante dos sentimentos mais verdadeiros das crianças (SIROTA, 2005, p. 540). Alguns adotam a estratégia de guardar os presentes ganhos no quarto da criança para ser aberto somente quando todos os convidados tiverem ido embora. Outros, contudo, preferem expor a criança a esse hábito no intuito de ensiná-la a comportar-se diante da insatisfação ou mesmo da diferenciação entre um presente e outro.

O momento da despedida também oferece elementos importantes. Muitos aniversários oferecem uma espécie de “lembrancinha”<sup>3</sup> como um agradecimento pela presença. Contudo, Sirota (2005) constata que, para as crianças esse é um momento

---

<sup>2</sup> No caso, as crianças mais velhas não se veem como crianças.

<sup>3</sup> SIROTA (2005, p. 560) chama estas lembrancinhas de “contrapresente”.

de compartilhar a alegria de ganhar presentes, ainda que as lembrancinhas sejam menores do que os presentes ganhos pelo aniversariante. É como se o aniversariante quisesse que seus convidados sentissem e recebem também a surpresa e o “troféu” de aniversário, criando assim um vínculo para com as demais crianças. Desse modo, a autora conclui que:

O percurso do presente revela o trabalho de construção da identidade social ao longo do ciclo, tanto no momento da escolha como no da oferta, ou da avaliação do troféu. Por meio das múltiplas interações da vida cotidiana instauram-se assim o ritual do aniversário e a “profissão” de criança (SIROTA, 2005, p. 558-559).

### **Desafios: a pesquisa com crianças**

O artigo de Javeau (2005, p. 386) coloca a temática da pesquisa com crianças como a grande contribuição e ao mesmo tempo o desafio da Sociologia da Infância. Para o autor, ao analisar essa categoria é preciso ter um tanto de “alma de criança”, um tanto de “alma de historiador”, de jurista e de economista entendendo que esta se constitui por meio de uma multiplicidade de arranjos e contextos.

A sociologia da infância enfatiza a criança como uma população singular, que se constitui como ator social, atuante na dinâmica social, perfeitamente possível de ser analisada dentro da sociologia, capaz de formular rituais e culturas próprias (culturas infantis) por meio de processos de socialização que não são, de modo algum, verticais. Todos esses elementos alocam para a Sociologia da Infância o desafio de afinar os instrumentos metodológicos para investigar as crianças.

Rayou (2005) aponta algumas reflexões durante o percurso de sua pesquisa com jovens e posteriormente, com crianças de colégios liceus da França. Seu artigo explicita as dúvidas, as reflexões e mesmo as construções feitas até se chegar a possíveis entendimentos sobre a pesquisa com crianças. Primeiramente, Rayou (2005) realiza com os jovens entrevistados algumas enquetes de ordens variadas. Após algum tempo, entende que essas enquetes possuem limitações uma vez que apresentam o resultado final de uma reflexão feita pelos jovens. Estas, por sua vez, podem estar imbuídas de influências dos adultos e não demonstrar de fato o que os jovens pensariam a respeito da temática investigada. Para resolver esta questão Rayou (2005) propõe a gravação de diferentes momentos desses jovens entre si, no intuito de detectar os processos de reflexões, ou seja, como os jovens chegaram àquelas



conclusões demonstradas nas enquetes. Esses só poderiam ser revelados quando os jovens estivessem entre seus pares.

Ao sobrepor esses métodos com crianças houve, contudo, algumas dificuldades encontradas. As crianças se expressam de maneiras diferentes dos adultos e dos adolescentes uma vez que esses já possuem um vocabulário mais extenso, podendo expressar-se de maneira mais objetiva ou ao menos mais entendível para o adulto pesquisador. Rayou (2005) procura então utilizar-se do “método dos cenários” proposto por Piaget (1932), pois esse sugere colocar as crianças diante de situações probatórias que possam fazer emergir seus valores e seus julgamentos a respeito da ação investigada (RAYOU, 2005, p. 471). Além disso, o autor procura observar os “acontecimentos-chave” ao longo da rotina infantil nas instituições escolares de tal forma a levantar hipóteses sobre os processos de construção de suas ideias e valores (RAYOU, 2005, p. 473).

Para Rayou (2005) os estudos realizados procuraram experimentar diversas formas de pesquisa e mostraram ser necessário ter uma espécie de “bricolagem metodológica”, uma vez que captar as “cidades infantis” necessita de uma gama variada de instrumentos de pesquisa (RAYOU, 2005, p. 472). Por fim, o autor entende que:

Essas poucas “bricolagens” deveriam evidentemente ser questionadas a fundo, refeitas na perspectiva de novas pesquisas. Elas objetivavam abarcar da melhor maneira possível os contornos da experiência específica desses atores (RAYOU, 2005, p. 472).

Além de Rayou (2005) outros autores desenvolvem algumas considerações a respeito da temática da pesquisa com crianças. Corsaro (2005b, p. 3) propõe algumas reflexões em torno das pesquisas etnográficas. Entende-se, primeiramente que a “[...] documentação de entrada, a aceitação e participação é imperativa nos estudos etnográficos”. Essa participação tem um efeito na coleta de dados sobre as práticas rotineiras com as crianças, tanto as realizadas por meio de entrevistas informais, anotações de campo, gravações audiovisuais quanto às realizadas por meio de outros artefatos presentes no cotidiano pesquisado. Por meio dessa participação e da presença do pesquisador na rotina dos pequenos pesquisados é possível perceber, segundo o autor, os processos que são produtivos ou reprodutivos das culturas locais.

Corsaro (2005b) contextualiza o surgimento das pesquisas etnográficas lembrando que as mesmas eram utilizadas inicialmente por antropólogos para investigar comunidades indígenas ou comunidades “primitivas”; a palavra etnografia tem origem na palavra *ethnoi*, de origem grega e que significa “o outro”. Entendia-se dessa forma, que essas comunidades eram “o outro” da sociedade e uma série de etapas investigativas foram organizadas no intuito de conhecê-las, aproximar-se e ao mesmo tempo, estranhá-las. Seu pressuposto maior é entender “o outro” na sua concepção de mundo e não fazer juízos de valores sobre aquilo de estranho que se via.

Quando as pesquisas etnográficas são transportadas para a educação entende-se que a escola, assim como estas comunidades, possui uma organização cultural e social própria e que, portanto, também faz parte de um universo “outro” da sociedade. E ao projetar esse método com crianças leva-se em conta o fato delas possuírem culturas próprias e dessa forma a etnografia também pode ser utilizada nesse universo.

As pesquisas etnográficas, segundo Corsaro (2005b), possibilitam um avanço no sentido do pesquisador precisar entender e vivenciar o universo infantil, se colocando nele, fazendo parte dele de tal forma que as crianças sintam confiança e possam considerá-lo como parte daquele universo, dividindo com ele seus processos de socialização e por consequência, suas produções e culturas infantis. O importante é notar que a linguagem das crianças nem sempre corresponde à mesma linguagem dos adultos e por isso é preciso considerar mais do que aquilo que é dito verbalmente, como por exemplo, captar a linguagem de sinais quando o universo pesquisado pertencer a crianças que não podem ouvir ou falar, captar sons e linguagens corporais expressivas, como para bebês, por exemplo.

Outro avanço significativo também começa a surgir por meio de investigações que colocam as crianças como pesquisadoras (ALDERSON, 2005). Segundo a autora, a participação das crianças nas pesquisas envolve uma mudança paradigmática: de objeto para sujeitos; isso significa pensar que as crianças falam por si mesmas e é preciso criar instrumentos metodológicos que permitam que as crianças falem.

## Considerações finais

Este estudo procurou reunir diferentes obras e autores que se inserem no campo da Sociologia da Infância no intuito de resgatar, principalmente, quais são os pressupostos mais comuns bem como, mapear, ainda que de forma introdutória, quais são as temáticas mais recorrentes dentro desta perspectiva. O objetivo foi ampliar a compreensão sobre as produções teóricas nessa linha, que se mostram cada vez mais extensa e consolidada, e trazer, por meio de suas reflexões, contribuições para o universo das vivências e das práticas em educação infantil. Acredita-se que, considerar as crianças como atores sociais e entendê-las como sujeitos ativos na dinâmica social são pressupostos bastante significativos para mudanças paradigmáticas na educação infantil. Além disso, as noções de que as representações do que vem a ser criança e do que vem a ser a infância são construídas socialmente permitem entender que existem crianças e diferentes modos de viver a infância trazendo para essas conceituações o estatuto da diferença.

Neste estudo foi possível reunir obras francesas, portuguesas e inglesas e com este levantamento notou-se a recorrência dos seguintes temas: a socialização das crianças; os ritos, rituais e culturas infantis; e a temática da pesquisa com crianças. Cada uma dessas temáticas nos traz compreensões específicas que valorizam a criança, enfatizam o respeito por esse sujeito singular, acreditando na sua atuação no meio social bem como, em seu próprio desenvolvimento. Além disso, o desafio que se faz presente é investigar as diferentes maneiras de se desenvolver pesquisas com crianças, sejam elas as investigadas, sejam elas as próprias investigadoras.

## Referências

ALDERSON, P. As Crianças como pesquisadoras: os efeitos dos direitos de participação sobre a metodologia de pesquisa. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 419-442, maio/ago. 2005.

BELLONI, M. L. Infância, mídias e educação: revisitando o conceito de socialização. **Caderno Perspectiva**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 41-56, jan./jun. 2007.

CORSARO, W. A. **The sociology of childhood**. 2. ed. London: Sage, 2005a.

CORSARO, W. A. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 443-464, maio/ago. 2005b.

CORSARO, W. A.; EDER, D. Children's peer cultures. **Annual Review of Sociology**, Bloomington, v. 16, n. 116, p. 197-220, 1990.

DANIC, I. La production des cultures enfantines. Ou la culture enfantine comme realite dynamique et plurielle. **Interacções**, Rennes, v. 2, n. 10, p. 6-13, 2008.

DELALANDE, J. Culture enfantine et règles de vie. **Terrain: Revue d'Ethnologie de l'Europe: Enfant et Apprentissage**. Paris, v. 40, n. 40, p. 2-14, 2003.

DUBET, F. **Le déclin de l'institution**. Paris: Seuil, 2002.

JAVEAU, C. Criança, infância(s), crianças: que objetivo dar a uma ciência social da infância? **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 379-403, ago. 2005.

MONTANDON, C. As práticas educativas parentais e a experiência das crianças. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 485-507, maio/ago. 2005.

PIAGET, J. **Le jugement moral chez l'enfant**. Paris: PUF, 1932.

PINTO, M.; SARMENTO, M. J. (Coord.). **As crianças: contextos e identidades**. Braga: Ed. Universidade do Minho, 1997.

PLAISANCE, E. Por uma sociologia da pequena infância. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 86, p. 221-241, abr. 2004.

RAYOU, P. Crianças e jovens, atores sociais na escola. Como os compreender? **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 465-484, maio/ago. 2005.

SARMENTO M. J. Gerações e alteridade: interrogações e partir da sociologia da infância. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, maio/ago. 2005.

SIROTA, R. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 23, n. 112, p. 7-31, mar. 2001.

\_\_\_\_\_. Primeiro os amigos: os aniversários da infância, dar e receber. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 535-562, maio/ago. 2005.

\_\_\_\_\_. Petit objet insolite ou champ constitué, la Sociologie de l'Enfance est-elle encore dans les choux? In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Éléments pour une sociologie de l'enfance**. Rennes: PUR, 2006. p. 13-34.

Enviado em Abril/2010

Aprovado em Outubro/2010